

O ENCONTRO COM A VIDA A PARTIR DA MORTE THE ENCOUNTER WITH LIFE THROUGH DEATH

Susane Maria Curra¹ Psicóloga formada pela UFRGS em 1980 - CRP 07/1652. Especialista em Psicologia Clínica e Psicologia Jurídica. Especializanda em Psicologia Clínica Junguiana.

Áurea Roitman², Psicóloga formada pela PUC-SP em 1970 - CRP 06/ 1342 Especialista e Analista didata, membro da AJB - Associação Junguiana do Brasil, IJUSP - Instituto Junguiano de São Paulo, IJPR - Instituto Junguiano do Paraná, IAAP - International Association for Analytical Psychology, Zurich.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir e analisar, através de uma película cinematográfica, o processo de individuação feminino e o relacionamento amoroso. O filme relata a história de um casal de meia idade passando por uma crise vital. Busca-se reconhecer elementos essenciais para o desenvolvimento da consciência. Para tal, é usado o referencial teórico da psicologia analítica de C.G.Jung, assim como o conhecimento da mitologia greco-romana. Como elemento central enfocado temos Eros (amor, criação e relação), a Morte (rompimento dos ciclos, abrindo a possibilidade de renovação, portanto, abrindo caminho para Eros) e *Kairós* (tempo oportuno, tempo da possibilidade, tempo interno). Estes conceitos são fundamentais para que o encontro possa representar uma verdadeira relação, não só com o parceiro externo, mas primordialmente com o *animus*, permitindo assim a individuação.

Palavras-chave: Individuação. Eros. Morte. Relacionamento. Amor.

ABSTRACT

The present article aims to reflect and analyze, through the story of a movie, the process of feminine individuation and a love relationship. The film tells to story of a middle-aged couple going through a life crisis. The purpose is to recognize the essential elements for the development of conscience. Therefore, the theoretical framework from CG Jung analytical psychology was used, as well as the knowledge of Greek-Roman mythology. We have as main elements: Eros (love, creation and relationship), Death (breaking up cycles, opening the possibility of renewal, thus paving the way to Eros) and *Kairós* (adequate time, time of possibility, internal time). These concepts are fundamental so that the encounter may represent a true relationship, not only with the external partner, but also with the animus and therefore giving place to individuation.

Keywords: Individuation. Eros. Death. Relationship. Love.

O tema relacionamento mobiliza minha atenção desde sempre, e quanto mais reflito sobre ele, mais tenho necessidade de aprofundar-me neste terreno misterioso, encantador e ao mesmo tempo obscuro. Sim, obscuro, pois a

¹ Curso de Pós-graduação, Especialização em Psicologia Clínica Junguiana, Faculdade Monteiro Lobato/ IJRS, 2010, 1ª turma. susanemc@ig.com.br

² aurearoitman@terra.com.br

possibilidade do encontro constela também o paradoxo do desconhecido dentro e fora de nós. Neste tangenciar de mundos ocorrem o desvelamento de nossos anseios, expectativas e temores.

Sentindo-me fisgada pelo tema, a primeira questão a ser levantada é a de saber “quem é o outro com o qual quero me relacionar.” Como este outro, que não conheço, pode estar carregado de tanta libido a ponto de mobilizar-me desta forma e acompanhar-me com esta força por toda uma vida. O “outro” são muitos outros, que nos acometem ao longo da existência e que, em diferentes momentos, traduzem nossas mais íntimas necessidades e nossos mais secretos desejos.

Ao longo de minha trajetória profissional, trabalhei vários anos com grupos sobre “relacionamentos” a partir de contos de fada. Este é um tema mítico, arquetípico, pois em qualquer tempo e lugar emergem contos, na sua maioria dentro de uma tradição oral, revelando a eterna busca do outro. Relacionar-se, encontrar a pessoa amada, mobiliza as pessoas, movimenta a economia. Se abrirmos quaisquer revistas, encontraremos artigos que falam sobre esta temática e da felicidade associadas ao encontro com o parceiro ideal. Percebo ser este um tema que, em geral, mobiliza mais as mulheres do que os homens. Ambos pensam e vivem, a partir de lugares diferentes, a arte do encontro, seja ela com um objeto interno ou externo à psique.

O Amor, os relacionamentos, o encontro do ser amado estão presentes em todas as classes sociais, e em todas as culturas. Talvez a diferença entre os diversos perfis de pessoas se expresse no fato de que alguns simplesmente vivem encontros sem se questionarem sobre o processo que está sendo vivido, enquanto outros sentem a necessidade de ler sobre o tema, questionar-se sobre o significado das diferentes formas de relacionamento. Outros apenas intelectualizam sobre e vivem em uma redoma, protegidos do efeito transformador que o relacionar-se pode trazer.

Dentro do tema da Alteridade, precisamos do outro para saber de nós, uma vez que a formação da consciência, a percepção de si, é conquistada a partir da interlocução e espelhamento com e no outro. Portanto, relacionamentos não são

apenas formas de se atingir uma satisfação pessoal, mas uma necessidade arquetípica para a expansão da consciência.

Neste momento de minha vida, quando pensei na escolha do tema para este artigo, pulsou muito forte o desejo de mais uma vez e renovadamente, envolver-me com esta temática.

Sincronicamente, chegou-me as mãos o filme *Hanami, Cerejeiras em Flor*, da diretora alemã, Dóris Dörrie. Trata-se de uma história sensível que faz mergulhar em questões profundas do sentido da vida, e o processo de individuação sendo vivido numa relação de casamento.

Vejamos o conteúdo do filme:

Em uma das primeiras cenas aparece Trudi, esposa de Rudi, casal protagonista, no momento em que recebe a notícia de que seu marido está com uma doença terminal. Não tendo mais nada a fazer, os médicos questionam a validade de colocá-lo a par de seu diagnóstico, e sugerem que possam viajar, como uma forma de tornar a vida mais suave neste momento de intensa dor. Trudi vê-se frente a uma situação inusitada, sentindo seus alicerces ruírem. Porém, como sempre fez, pensa nele, o que seria melhor para este homem, com o qual decidiu viver sua vida, mesmo tendo que abandonar alguns de seus sonhos para ficar ao seu lado.

Rudi é um homem comum, por volta de seus 70 anos, prestes a se aposentar. Trabalha em uma empresa de reciclagem de detritos em uma pequena cidade do interior da Alemanha, tendo uma vida constante e organizada. Seus horários, hábitos, alimentação rotineiramente repetem-se; não gosta de sair de casa para o lazer e leva para o trabalho todo dia o mesmo lanche preparado pela esposa, que inclui uma maçã, repetindo sua máxima de que “uma maçã por dia traz saúde e alegria”.

Trudi por sua vez gostaria de ter sido bailarina de *Butoh*³, atividade que iniciou antes de casar e da qual abriu mão pelo casamento. Tiveram três filhos que moram em outras cidades, e com os quais tem contatos esporádicos por telefone. Sonha em conhecer o Japão, país onde mora seu filho mais moço e ver de perto o Monte Fuji. A cultura japonesa, assim como sua dança, tem um significado especial

³ Dança que surgiu no pós-guerra, que mistura o teatro tradicional japonês e a mímica. “Dança com a sombra”.

para ela. Sempre que tenta motivar Rudi para viajarem ouve como resposta que depois de sua aposentadoria poderão fazê-lo, e que o Monte Fuji é igual a todos os outros.

Aceitou esta realidade até o momento, acatando a necessidade do marido. Protela seus sonhos em função dos limites dele. Casal, homem e mulher, razão e afeto, pragmatismo e sentimentos. Porém neste momento, frente à realidade derradeira, Trudi vê balançar seu projeto de vida, além de ter aberto mão de suas realizações pessoais para manter a harmonia do casamento, agora sabe que vai perder seu companheiro. Sente que não conseguirá viver sem ele.

Passa a tomar atitudes, embora de forma muito suave, persuade o marido a realizarem juntos alguns de seus projetos que sempre ficaram para serem vividos no futuro. O futuro havia chegado. O casal viaja a Berlim, cidade onde moram dois filhos e os netos. Neste reencontro, percebe que a distância afetiva entre eles está tão grande que não reconhece mais os filhos. Não há mais lugar para eles, casal, em suas vidas. No entanto ela não desiste de experienciar aquele momento, buscando viver o que sempre foi protelado, mas que continuava movimentando sua alma. Mesmo sob os protestos de Rudi e as dificuldades encontradas junto aos filhos, que estranhavam muito recebê-los em suas casas, se permite ficar. Vai ao teatro assistir a um espetáculo de dança, aquela mesma dança que sempre embalou silenciosamente sua alma. Vai à praia, contempla o mar e deixa-se embalar pelas ondas. Até este momento parece que decidiu simplesmente viver, e guardar para si o segredo sobre a saúde de Rudi, mesmo estando extremamente condoída com a realidade. Numa manhã, quando tenta acordá-la, Rudi percebe que está morta.

Farei um corte na narrativa do filme neste momento. Quero poder pensar sobre esta relação a partir do ponto de vista “dela”, embora trazendo paralelamente a trajetória dele, pois masculino e feminino se complementam: abordar um aspecto traz a necessidade de elucidar o outro. Penso que este início mobiliza no espectador o que foi a vida de casamento para ela, Trudi. Uma mulher que trouxe na alma a sensibilidade da dança que não foi vivida enquanto profissão, mas enquanto pano de fundo de uma vida de esposa, mãe de família, em uma cidade pequena.

Proponho que iniciemos olhando para este casamento, através da cortina externa, que é a da relação de fato do casal, desencadeada pelo filme e procurar

encontrar o processo que está por trás, silencioso, que levou esta mulher a fazer suas escolhas na vida. Casou com um homem, que aparentemente tinha objetivos de vida diversos dos seus, manteve-se até o final da vida com ele. Transmite que verdadeiramente o amou. Questiono a quais processos psíquicos serviram esta união, pois o filme, no meu entender, transmite uma evolução de individuação na vida de Trudi.

Segundo C.G.Jung, o processo de individuação é a percepção consciente da realidade própria e singular de uma pessoa, abrangendo potencialidades e limitações, a partir da orientação do Si-mesmo⁴. É a finalidade da vida de cada um. Ainda de acordo com a abordagem da psicologia profunda, o próprio desenvolvimento da consciência, olhado sob o ponto de vista do desenvolvimento da humanidade, acontece a partir da diferenciação de aspectos do inconsciente. Portanto, para que haja a possibilidade do desenvolvimento da consciência é essencial o reconhecimento de si a partir da identidade e diferenciação com o outro, assim como o reconhecimento consciente dos elementos formadores da psique que a orientam a partir do inconsciente.

Voltemos à nossa questão inicial que indaga sobre o poder de atração de Eros na formação de casais. Buscando compreender Eros e seu papel no desenvolvimento da vida, encontramos em Hesíodo, sec.VIII A.C., que no início da formação do universo era o *Káos*. Uma massa primeva que traz em si todas as possibilidades indiferenciadas. A partir deste vazio essencial fez-se *Gaia*, a Terra. Logo veio o Tártaro, um deus invisível que representa o mundo dos mortos, neste momento surge a Morte como essencial para o surgimento da vida. Morte e Vida andam juntas, fazem parte de um mesmo ciclo. Só então surge Eros.

Eros é um dos primeiros deuses a surgir no início dos tempos. É o responsável pela união amorosa de todos os seres. É o que possibilita a criação de tudo o que há no universo. Seu poder é avassalador. É a força cósmica da fecundação e multiplicação, inspirando a simpatia entre os seres para que se unam e procriem. É essencial para que haja vida. Não há vida sem Eros.

⁴ Arquétipo central e orientador da psique. Self.

Além da cultura grega, todas as outras tradições da antiguidade também buscam trazer explicações sobre a origem do universo e surgimento da humanidade, como os mitos persas, no Xamanismo, na Alquimia, no Talmude, no Gênesis, e na tradição oral dos povos.

O mito de criação grego, conta que no início o humano era um ser esférico, hermafrodita, sendo, pois completo. Estes seres primevos, sendo completos passaram a sentirem-se tão poderosos quanto os deuses e a desafiá-los. Os deuses decidiram então, separá-los em dois. Enfraquecidos, uma vez que haviam perdido suas metades, passaram a buscar incessantemente seus pares na tentativa de voltarem à forma original e consequentemente sua completude.

No livro *Os Parceiros Invisíveis*, John Sanford (1986) nos fala da origem do homem, a partir da cultura judaico-cristã. Refere que no livro do Gênesis, Deus era um ser andrógino e que fez o homem a sua imagem e semelhança, e o chamou de Adão. Mais tarde, quando criou a mulher fez com que Adão dormisse profundamente e cria Eva a partir de sua costela. Inicialmente o homem era macho e fêmea, e somente, a partir da diferenciação da mulher, é que surge o homem como macho. No segundo capítulo do livro do Gênesis surge a possibilidade da união, reencontro entre o homem com a mulher, buscando um retorno à origem e o arquétipo do casamento como o retorno à completude perdida, lê-se: “o *homem deixa pai e mãe, e une-se à sua mulher, e eles tornam-se um só corpo*”. Conclui-se que a partir da separação, ou criação de Eva, a diferenciação do segundo a partir do Uno, é que surge a necessidade de Eros, enquanto força de união entre os seres.

Jung (1972, p.203) também nos fala de polaridades, masculino / feminino, na formação da personalidade dos indivíduos. Traz o conceito de *anima* e *animus* enquanto arquétipos formadores da psique. Os Arquétipos formam a base do comportamento instintivo e não aprendido, que são comuns a toda espécie humana, e que se apresentam à consciência de forma inequívoca. No inconsciente de cada homem há um complementar feminino, que nomeou de *anima*, e no inconsciente de cada mulher há um complementar masculino, o qual nomeou de *animus*. Para Jung, os conceitos de *anima* e *animus*, explicam uma ampla variedade de fatos psíquicos e formam uma hipótese cada vez mais confirmada pela evidencia empírica.

A psicologia analítica, assim como várias tradições, nos fala da necessidade de um mergulho no inconsciente, na busca de integração de aspectos que estão separados da consciência, e que aparece nos mitos ou contos de fada como um adormecimento, ou descida ao Hades. Eva surge a partir do sono profundo de Adão.

A separação precede o encontro. No mito do Jardim do Éden, Adão e Eva são expulsos e o gênero humano vai passar a vida inteira em busca desta unidade perdida. É a partir da diferenciação e da consciência da incompletude que surge Eros. Portanto, Eros está na base da formação da consciência, assim como a Morte/rompimento.

Recentemente no filme *Mulher Invisível*, do diretor brasileiro Cláudio Torres, encontramos uma forma bem humorada de retratar a possível relação do homem com sua *anima*, assim como os múltiplos enganos que surgem a partir da literalização da mesma. O protagonista é abandonado por sua esposa, na qual havia projetado seu ideal de feminino, deprime-se fazendo um mergulho no seu inconsciente e progressivamente passa a reconhecer que pode sentir-se completo na medida em que reconhece sua *anima*, agora não mais projetada, mas como função interna de relação. Somente a partir desta evolução é que pode fazer nova parceria, agora com uma mulher real. Só quando conhecemos nossa própria inteireza é possível reconhecer o outro. Logo, há a possibilidade de acontecer um relacionamento.

No filme *Hanami, Cerejeiras em flor*, quando a esposa morre, Rudi vivifica o mito grego de criação, em que perde sua metade. Passa a buscar sua condição de ser relacional a partir do mundo interno, de sua alma, e para tal encontra a dança – *Butoh* – como caminho. Tenta valorizar e compreender os valores de Trudi, que até então eram ignorados por ele. É a morte física da esposa que desencadeia em Rudi a necessidade de sua individuação.

Voltando agora para Trudi nos colocamos a seguinte questão: “Em que medida fez seu processo de individuação?” Viveu uma vida aparentemente pacata, cumprindo um papel esperado para mulheres do seu tempo, desempenhando sua função de esposa e mãe. Seus filhos são adultos, vivendo suas vidas e seu casamento perdurou.

Trudi apesar de estar vivendo um momento de vida crucial, transmite no olhar, uma profundidade que permite ver sua alma. Ela está inteira em cada gesto, em cada atitude. Cada decisão sua é muito sentida, muito sofrida. Ela chora e também sorri. Percebe-se que há um profundo amor e gratidão pela vida. Mesmo no contato com seus filhos e netos, que da parte deles é frio, quase indiferente, consegue manter-se integra e amorosa. Este seu amor vai além daquele momento, pois é um amor de alguém que já perdeu e ganhou muito com a vida e consegue viver cada instante como uma dádiva. Para pensarmos no seu processo de individuação, há necessidade de refletirmos sobre o Amor, Morte, e Tempo.

O amor transpõe a atração inicial que aproxima as pessoas. Pressupõe que haja reconhecimento de si e do outro, morte das vaidades pessoais e das idealizações. Requer desenvolvimento de consciência e confiança, assim como a compreensão do significado de Tempo/*Kairós*. Este processo exige a capacidade de pressentir novos caminhos e aprendê-los, a tenacidade necessária para atravessar uma fase difícil, e a paciência para apreender o amor profundo com o tempo. Por isso diz-se que para que haja um amor verdadeiro há necessidade dele ser precedido pelo processo de individuação. O desenvolvimento feminino espiritual se dá através do amor. O amor pelo outro e o amor por si mesma. O amor é o elemento essencial da individuação feminina.

É no encontro com Eros, que a mulher pode desenvolver-se enquanto mulher, e ao mesmo tempo é a partir desse desenvolvimento que ela torna-se capaz de amar. Eros e a individuação andam juntos e dependem um do outro. Amor é a própria capacidade de relacionamento. É Eros, que aproxima e permite que as pessoas possam aprender a conviver com as diferenças, o tempo suficiente para que cada um se reconheça como ser único, e continuar com vontade de partilhar sua vida com outro, que também é único.

Trudi transmite amor, aceitação das diversidades, e ternura nas relações. Há uma gratificação que vai além da identidade e da obtenção de seus prazeres. Há aceitação das diferenças, sofrimento por elas sim, pois se há amor há também sofrimento. Vê-se nela, que ao longo do tempo desenvolveu qualidades como sua capacidade de discriminar e fazer escolhas com objetividade a partir do coração. Não funciona somente pelo impulso, e sim a partir de uma reflexão afetiva. Encontra

seu próprio rumo frente à diversidade do universo masculino de uma forma feminina. Enfrenta os desafios da vida conjugal com criatividade, podendo manter uma relação que abrigou Eros até o final, sustentando o fluxo da vida. Sabe de seus limites, mais uma vez depara-se com uma imposição da vida que vai além de sua escolha, e continua alimentando sua alma criativamente.

O relacionamento que permanece e que contribui para o desenvolvimento individual, é aquele que se permite transformar, morrer, a cada necessidade de mudança, abrindo espaço para que o novo surja. Por outro lado, a fragilidade em encarar a morte/transformação, ou modificações inerentes ao crescimento individual ou relacional, provoca o fracasso de muitas uniões. Quando a natureza da vida e morte é reprimida numa pessoa ou num relacionamento há uma estagnação da libido. O amor deixa de ser possível.

Erich Neumann (1971, p.91) coloca que uma das questões mais difíceis para as mulheres no processo de individuação é a sua tendência para cuidar do outro, desfocando de sua evolução interna. Nas relações de casamento, tendem entrar em uma *participation mystique*⁵ na relação com o parceiro externo, negligenciando as necessidades de seu ser mais profundo. Mantém o casamento de fato e rompem com o casamento interior, sob o risco de perderem sua identidade como casal. Esta é uma armadilha, posto na medida em que a mulher rompe com sua unidade interna, também não consegue manter o amor. A traição de si mesma representa a perda da alma.

Observa-se em Trudi, que no momento em que se percebe frente à morte eminente de Rudi busca realizar seus sonhos, mesmo tendo que enfrentar muitas vezes o mau humor e reclamações constantes do marido. Sua atitude favorece para que ele também possa usufruir situações que por si só não buscaria. É sua contribuição para o casamento e desenvolvimento do seu companheiro. Há uma confirmação do amor do casal. Há cuidado de ambos pelo parceiro. Trudi sabe o que é essencial, sabe do que precisa, e vai à busca. Não se perde na animosidade das outras pessoas, e segue alimentando sua alma. Não se assusta com a morte,

⁵ Estado de diminuição do nível da consciência.

embora sofra com ela. Parece ser uma pessoa que já viveu muitas mortes ao longo da vida. Conhece a dança da vida com a morte, pois Eros e Thanatos andam juntos.

Sem a morte/transformação, sem a percepção clara dos nossos limites, do inexorável fim dos ciclos, não pode haver um real conhecimento da vida, e sem esse conhecimento, não pode haver fidelidade, devoção ou um amor verdadeiro. Amar significa ficar com. Emergir de um mundo de fantasias para outro em que o amor duradouro é possível.

No livro *Mulheres que correm com os Lobos*, Clarissa Pinkola Estes (1995, p.167) cita: "... as histórias das regiões próximas ao pólo descrevem o amor como a união entre dois seres cuja força reunida permite a um deles, ou a ambos, a entrada em comunicação com o mundo da alma e a participação no destino como uma dança com a vida e a morte".

Pensemos em Trudi, aqui representando um processo de todas as mulheres, um desenvolvimento do feminino. O processo de individuação, como já vimos, acontece no plano pessoal, e pode ser desenvolvido na relação de casamento. Para a mulher, a experiência feminina do encontro é o pressuposto para a individuação.

Porém, para que ocorra a possibilidade do amor, há necessidade de que o casal possa conviver e suportar vários processos de nascimento e morte, de desejo e frustração, que exigem tempo interno de maturação e reflexão. O amor em sua plenitude constela mortes e renascimentos. A paixão morre e volta, a dor vai e retorna posteriormente. Amar significa abraçar e ao mesmo tempo suportar inúmeros finais e inúmeros recomeços, todos no mesmo relacionamento. Porém, a individuação de cada um, dá-se em tempos diferentes, e pode muitas vezes significar motivo de desarmonia e conflitos no casamento.

No momento que começa a acontecer a morte das ilusões acerca do amor, isto é, o recolhimento das projeções, o relacionamento torna-se mais desafiador, pois, vai exigir inteireza da mulher e toda sua experiência e habilidades. Fugir deste processo significa além de medo da intimidade e envolvimento, uma negação ao processo cíclico e natural de vida e morte.

No mito sumério de Inana, citado por Sylvia B. Perera (1985) encontramos um modelo feminino em que a mulher tendo sua própria posição mantém seus valores e relaciona-se amorosamente com o masculino, bem como diretamente com

suas próprias profundezas. É o modelo de mulher que está disposto a sofrer humana e pessoalmente a amplitude total.

Aldo Carotenuto (2004), nos trás a compreensão de que para que haja vida é necessária que haja traição/ruptura de padrões conservadores, dando lugar ao novo, a criação. Este autor chama de traição o que estamos chamando de morte. Sem traição/morte, não há evolução.

Em *Amor e Psique*, que nos fala da busca do amor pela alma feminina, Erich Neumann (1971), coloca que todo casamento é um rapto de *Core*, em que o macho é hostil e violador. Este olhar é básico dentro da psicologia feminina matriarcal. A aproximação do masculino significa uma separação da identidade feminina primeira.

Como vemos a possibilidade do relacionamento amoroso, traz à mulher uma sucessão de traições, a começar pela traição ao matriarcado. Na medida em que a mulher se dispõe a integrar seu animus, está deixando que morram valores absolutos de sustentação de sua identidade anterior. Há uma saída da escuridão do inconsciente, na medida em que há uma valorização e aceitação do masculino, enquanto processo interno. Neste momento da relação, há um encantamento pelo outro e o perigo seguinte é da mulher ficar aprisionada ao mundo do masculino, e anulada na sua natureza, viver em função do outro, seja ele interno ou externo.

Somente num terceiro momento, é que pode haver espaço para uma relação verdadeira. Para a mulher que está disposta a viver uma relação de casamento como um processo de individuação, esta união deixa de ser um rapto, mas a aceitação da mulher a Eros, que a seduziu e se apoderou dela, a partir do interior e não mais como o homem externo. Ao mesmo tempo esta união, enquanto entrega voluntária ao amor, é experimentado pela mulher como perda e sacrifício, e também como morte e renascimento, alicerçando uma nova percepção de si a partir da integração desta nova consciência. É o tempo em que o companheiro passa a ser visto não mais com atributos divinos, mas com a plenitude dos paradoxos do humano.

Podemos concluir, portanto, pela análise da história de Trudi, a partir da psicologia profunda de C.G.Jung, que o momento trágico em que toda alma feminina assume seu próprio destino, é o momento da perda do estado paradisíaco. A tomada de consciência do sacrifício necessário, experienciado como traição/morte, é

o momento que surge a possibilidade do amor humano. Consciência é a separação que dá espaço para a relação. Dentro da trajetória do desenvolvimento do feminino, esta conquista se dá através do estabelecimento de um contato fecundo entre o masculino e o feminino. É um ato heróico vivido de forma feminina.

Porto Alegre, 6 de março de 2010.

REFERÊNCIAS

CAROTENUTO, Aldo. Amar Trair, quase uma apologia da traição. São Paulo, SP: Paulus, 1997.

CORRÊA SALLES, Carlos Alberto, Individuação. Rio de Janeiro, RJ, Imago Editora Ltda, 1992.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que Correm com os Lobos. 4^o ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1995.

GREENE, LIZ. Relacionamentos. São Paulo, SP: Ed. Cultrix, 1977.

JOHNSON, Robert A. She. ed. Revisada. São Paulo, SP: Mercuryo, 2004.

JOHNSON, Robert A. We. São Paulo, SP: ed. Mercuryo, 2004.

JUNG, Carl G. O desenvolvimento da Personalidade, 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JUNG, Carl G. Sobre o Amor, 2^a ed. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2005.

NEUMANN, Erich. Amor e Psique. São Paulo, SP: Ed. Cultrix Ltda, 1971.

NEUMANN, Erich. O Medo do Feminino. São Paulo, SP: Paulus, 2000.

PERERA, Sylvia B. O Caminho para a Iniciação Feminina. São Paulo, SP: Paulus, 1985.

SANFORD, John A. Destino Amor e Êxtase. São Paulo, SP: Paulus, 1999.

SANFORD, John A. Os Parceiros invisíveis, 4. ed. São Paulo, SP: Paulinas, 1986.

A Mulher Invisível. Direção: Cláudio Torres. Brasil. Warner Home Vídeo. 2009. 1 bobina cinematográfica (105min). son., color.

Kirschbluten, Hanami. Direção e Roteiro: Doris Dorrie. Produção: Harald Kugler e Molly Von Furstenberg. Alemanha / França. Produtora: Olga Film GmbH. , 2008, 1 bobina cinematográfica (126 min). Son., color., 35mm.